

# Cadernos Vocacionais



As  
Nove  
Maneiras

de São Domingos  
Rezar



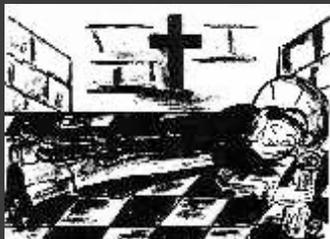
# APRESENTAÇÃO

(p.3)



I  
(p.6)

II  
(p.7)



III  
(p.8)



IV  
(p.9)



V  
(p.10)



VI  
(p.11)



VII  
(p.12)



VIII  
(p.13)



IX  
(p.14)

# AS NOVE MANEIRAS DE REZAR DE SÃO DOMINGOS

Fr. Eduardo Quirino de Oliveira

Por que nove maneiras de rezar? Trata-se, evidentemente, de uma questão pessoal do Santo Patriarca. Ele encontrou, para si, um meio prático, de manter seu diálogo de amor com Deus, com quem sempre falava ou de quem falava, aos outros.

São Domingos, portanto, com frequência, segue tanto o exemplo de Jesus, que se retirava muitas vezes para orar; quanto o exemplo de São Paulo, que convidava os tessalonicenses a orar sempre: "Orai sem interrupção" (Ts 5,17). Essa atitude do Fundador dos Pregadores, fundamentada no Cristo e nos primeiros cristãos, se enquadra, com perfeição, na tradição oriunda do Antigo Testamento, visto que Israel foi, desde o início, um povo que aprendeu a rezar.

São Domingos, assim, pode ser percebido como quem se encontra, inteiramente, imbuído do espírito da comunidade apostólica do iní-

cio da Igreja, em Jerusalém. Além disso, oriundo da experiência do clero da Catedral, achava-se na condição de conhecedor das Sagradas Escrituras e, desde aí, ele desvela seus nove modos de rezar. Esses modos, então, servem para nos estimular a rezar e não para serem imitados, já que serviram unicamente para a experiência do santo de Caleruega. Examinando, desta feita, as nove maneiras de rezar de São Domingos, encontramos uma série de atitudes que nascem, sem dúvida, de outras tantas virtudes que embasam teologicamente sua oração.

Consideremo-las, deste modo.

Na primeira maneira, fica bem claro o papel de fé, da humildade e da confiança na força de Deus, como aparece na prece de Judite (Jd 9,16). Esse gesto inicial termina com ato de glorificação da Trindade.

A segunda maneira, consequência da primeira, mostra o Santo Pai, o qual reconhece a grandeza de Deus e confia no Seu perdão, porque só quem é poderoso pode perdoar por amor. São Domingos, dessa forma, tem certeza do perdão. Certeza essa, que se expressa na oração confiante e, ao mesmo tempo, marcada pela consciência de sua fragilidade (*cf.* Sl 50,5 e Lc 18,13;).

Na terceira maneira, chorar os pecados e se penitenciar fisicamente é um ato amoroso que faz parte da oração penitencial, porém confiante (Sl 17,36). Hoje, há muitos modos de se penitenciar sem recorrer a correntes e chicotes. Há golpes morais e psíquicos, os quais podem doer muito mais do que aqueles físicos.

Como filho que se lança aos braços do Pai, São Domingos – na quarta maneira – olhando para o crucifixo, se permite preencher de contrição e, também, reconhece confiante a misericórdia divina.

Na quinta maneira – em pé diante do altar – procurando emular o exemplo do Senhor (*cf.* Lc 4,16), orava com Ele e como Ele, que se

permite fazer ouvir nas palavras das Sagradas Escrituras. São Domingos conversava com Deus, não somente no convento; mas, também, nas viagens. Ele sempre reservava um tempo para oração. Que exemplo!

Com mãos levantadas para o céu ou com braços estendidos em cruz, São Domingos, na sexta maneira, praticava a oração de intercessão e súplica pelos outros. Momento extremamente importante, em que pedia graças especiais (1Rs 17,21), orando com o Salmo 87,10.

Na sétima maneira, São Domingos tomava atitudes que demonstravam o sentido de suas preces. Corpo levantado, mãos juntas, alçadas acima da cabeça como uma flecha, ou abertas como para receber algo, indicavam que sua oração se dirigia a Deus, tal como uma apresentação das necessidades de sua comunidade: a Igreja. Os frades ouviam-no dizer: "Escutai, Senhor, a voz de minha súplica, quando clamo para vós, quando elevo minhas mãos para o vosso templo santo" (Sl 27,2). É o sacerdote que implora a Deus pelo povo e oferece ao povo o que recebe de Deus.

A oração perseverante prolongava-se – com a oitava maneira – em *lectio divina*. Sua alma experimenta uma suave emoção, como se ouvisse o próprio Senhor dirigindo-lhe a palavra: "Ouvirei a palavra que o Senhor Deus dirá dentro de meu coração" (Sl 84,9).

Na nona maneira, por fim, São Domingos observava essas práticas nas várias circunstâncias em que se encontrava: Eis a alegria na meditação e no encontro da contemplação! Costumava dizer a seu companheiro de viagem: "Está escrito no profeta Oséias: 'conduzirei minha esposa ao deserto e lhe falarei ao coração'" (Os 2,14). Oração e contemplação para penetrar nos segredos das Sagradas Escrituras; e, ainda, para se encontrar com Deus e se preparar para o ministério da pregação.

Esses modos, destarte, encontram, hoje, sua serventia na medida em que, como já apresentado, nos estimulam a rezar. Não se os devem imitar, já que emanam da experiência particular do Fundador. Ainda assim, evidenciam uma experiência de vida evangélica, a qual se fundamenta, sobretudo, no Cristo e nos primeiros cristãos; e, também, nos



incitam a um diálogo de amor com Deus e a buscar, desde esse colóquio amoroso, uma série de tantas virtudes essenciais para a que se vida plenamente.



# I

A primeira maneira de rezar era a seguinte: Frei Domingos prostrado humildemente diante do altar, como se Jesus Cristo estivesse pessoal e realmente presente nele e não apenas simbolicamente, dizia: “Meu Deus, sempre acolhestes a oração dos homens humildes e mansos” (Jd. 9,16). Não foi por causa de sua humildade que a cananea e o filho pródigo foram ouvidos? Quanto a mim, “não sou digno de que entreis debaixo de meu teto” (Mt. 8,8); ‘mas eis-me aqui humilhado diante de vós, meu Deus” (Sl. 146,6; 118,107).

Depois de ter rezado deste modo, o santo pai se levantava, inclinava a cabeça e, considerando com humildade o seu Senhor Jesus Cristo, comparando sua própria

condição de escravo com a excelência de Cristo, fazia todo o seu ser manifestar-lhe a sua veneração. Ensinava os frades a proceder do mesmo modo cada vez que passassem diante de um crucifixo, sinal da humilhação de Jesus Cristo; a fim de que, humilhado tão profundamente como o fora por nosso amor, ele nos visse também humilhados diante de sua majestade.

Esta espécie de humildade, ele a pedia também em honra da Santíssima Trindade, quando se cantava o versículo: “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”. Este modo de se inclinar profundamente era o ponto de partida de suas devoções.

## II



Muitas vezes também, o bem aventurado Domingos rezava inteiramente estendido no chão com o rosto colocado na terra. Nessas ocasiões, seu coração se enchia de verdadeiros sentimentos de compunção. Ele pronunciava em alta voz, esta palavra do Evangelho: “Ó Deus, tende piedade de mim que sou um pecador” (Lc. 18,13). E com temor e piedade repetia esse versículo: “Sim, pequei e cometi a iniquidade” (Sl. 50,5). Ele chorava e soltava grandes gemidos.

Em seguida ele exclamava: “Não sou digno de erguer os meus olhos para o céu, por causa do tamanho do meu pecado, porque provoquei a vossa cólera, Senhor, e fiz o que é mal aos vossos olhos”. Depois, recitava com devoção: “Minha

alma se acha humilhada até o pó, meu corpo se acha ligado à terra” (Sl. 43,5); ou então estas em outras palavras: “Minha alma está acorrentada à terra, ó meu Deus, restitui-lhe a vida, segundo a vossa palavra” (Sl. 118,25).

Ele exortava também os frades mais novos: “Se não puderdes chorar vossos pecados, por não os ter, pensai no grande número de pecadores que podem ser preparados à misericórdia e à caridade. Por eles, geram os profetas e os apóstolos; por eles também, Jesus que os traspassava com seu olhar, chorou dolorosamente”.

### III



E para chorar seus pecados e os dos outros, como seqüência natural do segundo modo de rezar, Domingos se levantava para tomar a disciplina com uma corrente de ferro, dizendo: “Vossa disciplina corrigiu-me até o fim” (Sl. 17,36).

Eis porque a Ordem determinou que todos os frades, em memória deste exemplo de São Domingos, recebessem nos dias feriais, depois das Completas, a disciplina com vergas sobre os ombros desnudos; e enquanto durasse, eles deveriam recitar devotamente o salmo Misere-re ou o De Profundis. Fariam esta

penitência, quer por seus pecados pessoais, que pelos de seus benfeitores, de cujas esmolos viviam.

Por isso, nenhum dos frades, por mais inocente que fosse, poderia fugir a esta prática.



## IV

Depois da mortificação corporal em razão dos pecados, São Domingos caminhava ou para o altar ou para a sala capitular. Ali, com os olhos fixos no crucifixo, ele o contemplava com incomparável penetração. Diante da imagem do crucificado, fazia diversas genuflexões, muitas vezes, desde as Completas até o meio da noite, ora se erguia, ora se ajoelhava. Tal como o leproso do Evangelho, dizia com os joelhos em terra: “Senhor, se quiserdes,

podeis curar-me” (Mt. 8,2).

Nascia então em nosso pai São Domingos, um grande sentimento de confiança na misericórdia de Deus para com ele mesmo, para com os pecadores e para a perseverança dos frades mais novos. Ele, muitas vezes, não conseguia reprimir a sua voz, e os frades escutavam-no gritar: “É para voz que eu clamo, meu Deus, não fiqueis surdo à minha voz, pois se guardardes o silencio, tenho medo de me assemelhar aos que descem ao abismo” (Sl. 27,1).

Outras vezes, ele falava para dentro de si mesmo e sua voz não era ouvida. Ficava muito tempo de joelhos, com a alma arrebatada em Deus. E parecia que sua inteligência penetrava o céu e, cheio de gozo celestial, enxugava as lágrimas que lhe corriam pela face. E, por seu exemplo, mais do que por palavras, ensinava aos frades essa maneira de rezar.



## V

Quando estava no convento, o santo pai Domingos, às vezes, ficava em oração em pé, de frente para o altar, sem procurar apoio, com as mãos estendidas diante do peito, ao modo de um livro aberto. Assim procedia quando ficava de pé e mergulhado na oração, viam-no meditar a Palavra de Deus. Adotara esse costume para imitar o Senhor: “segundo o seu costume, Jesus entrou na sinagoga, em dia de sábado e se levantou para fazer a leitura” (Lc. 4,16).

Outras vezes, de pé, ele juntava as mãos, mantendo-as fortemente unidas diante dos olhos ou à altura dos ombros. Com esse gesto, parecia apurar os ouvidos para melhor escutar uma palavra que lhe vinha do altar. Vendo essa devoção de Domingos, as pessoas tinham a impressão de que ele conversava com os anjos ou com o próprio Deus.

Em viagem, reservava em segredo o tempo necessário para a oração, e seus acompanhantes muitas vezes ouviam algumas palavras que ele pronunciava com extrema doçura e delicadeza.

Os frades ficavam maravilhados com esse testemunho de Domingos, e com o exemplo do pai e mestre, crescia-lhes um fervor que os arrastava à oração admirável, constante e piedosa.

# VI

O apostólico pai Domingos era visto também, outras vezes, rezando com as mãos abertas e os braços estendidos em forma de cruz, estando ele com o corpo totalmente ereto. Foi desse modo, na sacristia do convento, que ele rezou pedindo a Deus para que ressuscitasse o jovem Napoleão. O mesmo fizera o profeta Elias, quando ressuscitou o filho da viúva (1Rs 17,21). De modo semelhante ele rezou em Toulouse, quando salvou os peregrinos ingleses do afogamento. Não foi assim, com os braços estendidos na cruz, que rezou o Senhor?

Domingos só recorria a esta maneira de rezar quando, sob a inspiração de Deus, sabia que algo de grande e de maravilhoso ia acontecer pela força da sua oração. Não proibia os frades de rezar assim, mas também não os incentivava.



Ele pronunciava lentamente, com gravidade e madura reflexão, as palavras do saltério que mencionam esse tipo de oração. Recitava com grande atenção o salmo: “Senhor, Deus de minha salvação, a vós eu clamo de dia e de noite”, até estas palavras: “E a vós invoco o dia inteiro, Senhor, e para vós estendo minhas mãos” (Sl. 87,2-10).

Assim, todo o homem piedoso podia admirar ao mesmo tempo a devoção e a ciência de nosso pai, quando rezava deste modo.

# VII

Muitas vezes via-se Domingos erguer-se com todo o seu corpo em direção ao céu, à maneira de uma flecha que um arco lança para o azul. Elevava acima da cabeça às mãos completamente estendidas, unidas uma à outra, ou ligeiramente aberta, como se estivesse recebendo alguma coisa do céu.

Nesses momentos, o santo pai parecia penetrar, como que às escondidas, no Santo dos Santos, chegando até o terceiro céu. Depois de uma oração como essa, se tivesse de corrigir algo, dar um aviso ou pregar, ele se comportava realmente como um profeta. O santo pai não rezava muito tempo desta maneira e, ao retomar posse de si mesmo, parecia chegar de uma região longínqua, assemelhando-se a um estrangeiro.

Algumas vezes, os frades o ouviam rezar em voz alta e dizer como o profeta: “Escutai, Senhor, a voz de minhas súplicas, quando clamo para vós, quando elevo minhas mãos para o vosso templo santo” (Sl. 27,2).

Por sua palavra e seu exemplo, não cessava de ensinar os frades a rezar



deste modo, repetindo-lhes o salmo “Bendizei o Senhor, vós todos os meus servos” (Sl. 133); e este outro: “Senhor, a vós eu clamo, ouvi-me, inclinai vossos ouvidos à minha voz, quando vos invoco. Que minha oração suba diante de vós como o incenso e a elevação de minhas mãos como a oferenda vespertina” (Sl. 140,1-2).



## VIII

Nosso pai São Domingos tinha ainda outra maneira de rezar, cheia de beleza, de devoção e de encanto. A ela recorria depois das horas canônicas e depois da ação de graças que segue ordinariamente as refeições.

Este pai Domingos, admirável de sobriedade e transbordando do espírito de devoção, do qual se deixara impregnar pelas palavras divinas que se deixara impregnar pelas palavras divinas que se cantavam no coro ou no refeitório, procurava um lugar solitário, ou cela ou qualquer outro lugar para ler e rezar, recolhido em si mesmo e preso em Deus. Sentava-se em paz, e depois de ter feito o sinal da cruz, lia algum livro aberto diante dele; sua alma experimentava então uma suave emoção, como se ouvisse o próprio

Senhor dirigindo-lhe a palavra: “Ouvirei a palavra que o Senhor Deus dirá dentro de meu coração” (Sl. 84,9).

Enquanto lia na solidão, venerava o seu livro; inclinando-se para ele, beijava-o com amor, sobretudo quando se tratava do livro dos evangelhos e quando lia as palavras que o próprio Jesus pronunciou com sua boca.

Às vezes, escondia o seu rosto cobrindo-o com a capa, ou a sua cabeça com o capuz. Ele derramava copiosas lágrimas ou erguia-se um pouco fazendo a inclinação de cabeça, como se quisesse agradecer um grande benefício recebido. Depois, continuava a leitura.



## IX

Ele observava estas práticas de devoção, quando viajava de um país a outro, particularmente quando se encontrava numa região solitária. A sua grande alegria estava em entregar-se à meditação e em reencontrar a contemplação. Pelos caminhos, às vezes dizia a seu companheiro: “Está escrito no profeta Oséias: 'conduzirei minha esposa ao deserto e lhe falarei ao coração'" (Os 2,14). Por isso mesmo, afastava-se de seu companheiro, precedendo-o ou seguindo-o a curta distância. Assim, caminhava sozinho e rezava; e ao fogo de sua caridade hauria na meditação um acréscimo de ardor. Acontecia-lhe, durante a oração, fazer gestos como se quisesse afastar alguma poeira ou alguma mosca importuna, e fazia frequentemente o sinal da cruz.

Na opinião dos frades, era rezando desta maneira que o santo adquiria aquela plenitude de conhecimento da Sagrada Escritura, penetrava no cerne mesmo das palavras divinas, aprendia as santas audácias da sua ardente pregação e vivia na íntima familiaridade do Espírito Santo, de onde lhe vinha o conhecimento das coisas ocultas.

Ilustrações: 'Modos de Orar' de Marta Muniz, 19.....  
Projeto gráfico: adamodesign (11) 5062-8962  
Tiragem: 1.000 exemplares



ORDEM DOS PREGADORES

**Promoção Vocacional Op**

[dominicanos.org.br](http://dominicanos.org.br)